



O MINISTÉRIO ADVENTISTA

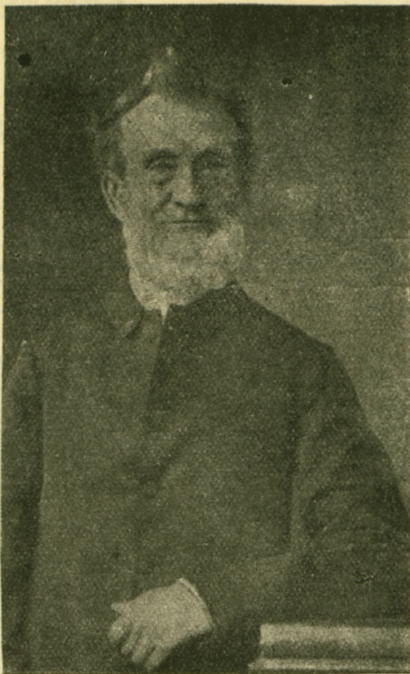


ANO 21

SETEMBRO-OUTUBRO DE 1955

Nº. 5





Alimento para a Alma

JORGE MÜLLER

Fundador do grande orfanato da fé, na Inglaterra

APROUVE ao Senhor ensinar-me uma verdade, cujo proveito não perdi durante mais de quinze anos. O fato é o seguinte: Vi com maior clareza que nunca, que a maior e mais importante ocupação a que deveria atender cada dia, era manter tranqüilidade de espírito no Senhor. O primeiro fator envolvido não era o de como deveria servir o Senhor; mas como manter a alma em estado de felicidade, e como nutrir o homem interior. Eu poderia tratar de apresentar a verdade aos inconversos, favorecer os crentes, aliviar os sofredores e, doutras maneiras várias portar-me como convém a um filho de Deus neste mundo; não obstante, sem sentir-me feliz no Senhor, e sem a nutrição e o fortalecimento do homem interior, dia a dia, tudo isso poderia não ser atendido no devido espírito.

Antes desse tempo eu costumava, pelo menos nos dez anos prévios, habitualmente, entregar-me à oração depois de me ter vestido, pela manhã. Percebi, porém, que a coisa mais importante que tinha para fazer era dedicar-me à leitura da Palavra de Deus, e à sua meditação, para que meu coração fosse confortado, animado, aquecido, reprovado, instruído; e assim, por meio da Palavra de Deus, ao nela meditar, meu coração fosse pôsto em comunhão íntima com o Senhor.

Meditação

Comecei, portanto, a meditar sobre o Novo Testamento, desde o seu princípio, cedo de manhã. A primeira coisa que fazia, depois de com poucas palavras pedir que o Senhor abençoasse Sua preciosa Palavra, era começar a meditar sobre a Palavra de Deus, buscando, por assim dizer, em cada versículo, a bênção nele contida; não visando ao ministério público da Palavra, nem à pregação so-

bre o que eu havia meditado, mas em busca de alimento para minha própria alma.

O resultado verifiquei ser, quase invariavelmente que depois de uns poucos minutos minha alma foi levada à confissão, ou à ação de graças, ou à intercessão, ou à súplica; de forma que, embora eu não pretendesse, por assim dizer, entregar-me à oração, mas à meditação, encontrava-me quase imediatamente, mais ou menos empenhado em oração. Depois de assim ter por algum tempo feito confissão ou intercessão ou súplica, ou dado graças, passo para as palavras do versículo seguinte, transformando tudo, à medida que prossigo, em oração por mim mesmo ou por outros, segundo o encaminhe a Palavra, mas ao mesmo tempo e continuamente, lembrando-me de que o alimento para a minha própria alma é o objetivo de minha meditação.

O Primeiro Lugar às Coisas Mais Importantes

A diferença, pois, entre o meu procedimento anterior e o atual é que: Anteriormente, ao levantar-me, eu me punha a orar logo que me fôsse possível, e em geral empregava todo o meu tempo, ou quase todo, até ao desjejum, em oração.

Em todo caso, eu quase invariavelmente começava com oração, exceto quando sentia a alma mais árida do que de costume, em cujo caso lia a Palavra de Deus em busca de alimento, ou de refrigério, ou de reavivamento e renovação do meu homem interior, antes de orar. Mas com que resultado? Muitas vezes passava de joelhos um quarto de hora, ou meia hora, ou mesmo uma hora inteira, até convencer-me de ter obtido conforto, animação, humilhação de alma, etc., e muitas vezes, só depois de ter sofrido muito com divagações da mente nos primeiros dez minutos, ou um quarto de hora, ou até meia hora, começava eu realmente a orar.

Raramente sofro agora nesse sentido. Isso porque, estando o meu coração em comunhão íntima com Deus, falo ao meu Pai e Amigo (embora eu seja mau e indigno disso) acerca das coisas que Ele me apresenta em Sua preciosa Palavra. Muitas vezes, agora, eu me admiro de não me ter apercebido disso mais cedo!



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Gerente — **Bernardo E. Schuenemann**
Redator responsável — **Luiz Waldvogel**
Redator associado — **Rafael de A. Butler**
Colaborador especial:
Walter E. Murray

ILUSTRAÇÕES

Pregar a Verdade com Zêlo

EM visita a uma penitenciária num sábado, um ministro foi convidado pelo diretor cristão para, no dia seguinte, dirigir a palavra aos detentos. Aquela tarde, sentiu o ministro o desejo de voltar à penitenciária e inteirar-se dos pormenores referentes ao salão de cultos. Ao notar ali duas cadeiras revestidas de preto, indagou do motivo disso. “Essas cadeiras estão amortalhadas. O sermão que o senhor pregar será o último que elas ouvirão.”

Bem podeis imaginar quão pouca retórica figurou no sermão proferido nessa ocasião. Existem cadeiras amortalhadas na maioria das congregações.

O Vício de Cair

Foi uma resposta perspicaz dada, na Síria, por um pagão convertido, ao patrão que dêle exigia que trabalhasse no sábado, mas recebeu firme recusa. O patrão buscou argumentar, dizendo:

— Não diz o vosso Mestre que se um homem possui um boi ou um jumento que cair num poço no dia de sábado, êle pode ir tirá-lo?

— Sim, respondeu o empregado cristão, mas se o jumento se vicia em cair no mesmo poço cada sábado, então o proprietário, ou entulhará o poço ou venderá o jumento.

Sente a Falta da Voz da Mais Pequena Criança

O maestro de uma grande orquestra sinfônica estava uma noite dirigindo um concerto. Ouviam-se o trovão do órgão, o ufar dos tambores, o suave lamento dos violinos, o estridor das trompas.

A um canto, um dos executantes, que tocava o flautim, de repente decidiu: “Em meio a tôda esta barulheira, que importa o que eu toco? E parou de tocar.

Repentinamente o grande maestro parou e levantou as mãos. Seguiu-se um silêncio mortal.

— Onde está êsse flautim? gritou êle.

Deus pode ter por louvor a música estrondosa das esferas, mas sente a falta da voz da mais pequena das crianças. Escuta todos os que são Seus.

A Sala do Sossêgo

“Esta é a sala do sossêgo,” explicou um guia, ao introduzir um grupo de visitantes numa sala da usina trepidante de ruído.

— Nada há para fazer aqui, disse alguém.

Com um sorriso, respondeu-lhe o guia:

— Mas aqui está o coração de todo o serviço; tôda a engrenagem gira em tôrno do que aqui é feito. Êste é o local mais importante do edifício.

Ê às salas de sossêgo que chega a voz de Deus. “Aquietai-vos e sabeí.” “Me virarei para lá, e verei.” — *More Illustrations and Quotable Poems*, por A. Bernard Webber.



ANO 21 Nº. 5

ILUSTRAÇÕES 3

Pregar a Verdade com Zêlo — O Vício de Cair — Sente a Falta da Voz da Mais Pequena Criança — A Sala do Sossêgo

ARTIGOS GERAIS 4

Conjugação de Esforços na Vida, Cap. IV: Comportamento de Acôrdo com a Idade — A Cronologia de Esdras 7: O Cômputo do Ano Ascensional

EVANGELISMO 12

Evangelismo

OBRA PASTORAL 13

Como melhorar os Cultos Sabáticos

CONSELHO DO ESPÍRITO DE PROFECIA 15

O Regime Alimentar e a Saúde Mental e Moral

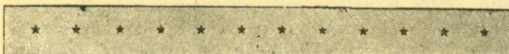
CAIXA DE PERGUNTAS 19

A Visão de Pedro — Os Animais Ferozes na Nova Terra

NOTAS E NOTÍCIAS 20

MISCELÂNEA

Alimento para a Alma pág. 2; *Liderança bem Equilibrada*, pág. 11; *Histórico do “Dia de Ação de Graças”*, pág. 18; *Curso de Leitura Ministerial para 1955*, pág. 18;



ARTIGOS GERAIS

Conjugação de Esforços na Vida

ARTHUR L. BIETZ

(Membro da Associação Americana de Psicologia,
Professor de Cristianismo Aplicado, no Colégio de
Evangelistas Médicos, Pastor da Igreja
White Memorial.)

Comportamento de Acôrdo com a Idade

CAPITULO VIII

“ESTOU tão irada esta manhã — exclamou a mãe de uma menina de catorze anos — que poderia mastigar pregos. Tenho vontade de agarrar esta minha filha e fazer-lhe aprender uma ou duas coisas. Sabe V. o que me disse esta manhã? Disse-me que eu me deveria comportar de acôrdo com a idade e deixar de fazer criancices. Pode V. imaginar semelhante falta de respeito? Não sei onde irá parar esta nova geração!

O diagnóstico dessa jovem põe em relêvo um problema básico na vida de bom número de seres humanos modernos. Comportamo-nos nós de acôrdo com nossa idade, ou passamos a vida cometendo desatinos, como crianças malcriadas, mais ou menos no estilo “cabra-cega”? A vida compreende muito mais do que, simples desenvolvimento físico. Algumas pessoas têm corpo bem formado, mas os seus atos e reações aproximam-se bastante do nível dos impulsos. Alguns usam a inteligência para planejar um comportamento construtivo, ao passo que outros tão sômente a empregam para justificar o seu procedimento impulsivo.

Dizia certo cavalheiro: “Minha espôsa é tal qual uma criança. Tenho que tratá-la com luvas de pelica desde pela manhã cedo até tarde da noite. Se faço alguma coisa que não lhe agrade, inevitavelmente me retruca amuada, mal-humorada e queixosa. Algumas vêzes me canso de viver com uma pessoa fisicamente adulta, mas mentalmente criança.”

Um pai e duas filhas ansiavam por passar uma noitada em uma reunião social para que tôda a família fôra convidada, mas a mãe se negou a acompanhá-los. Nada parecia conseguir que mudasse de decisão. Não podia ela apresentar motivo algum que não fôsse o de não se sentir disposta a ir. Finalmente as filhas e o pai venceram, e a mãe os acompanhou; mas amargou o serão com suas queixas, resingas e críticas. Já que não pôde fazer prevalecer a sua vontade, afligiu o espôso e as filhas com um procedimento pueril. O não procedermos de acôrdo com a idade que temos, é a causa da maior parte do infortúnio e da infelicidade que existe nos lares de nosso tempo.

Como conselheiro de problemas matrimoniais, tenho escutado repetidas vêzes a seguinte declaração: “Se tão sômente êle (ou também ela) pudessem crescer! “Os lares infelizes são o resultado de

uma falta de maturidade emocional. Quando as pessoas se deixam guiar pelas reações emocionais e não pela inteligência, o fundamento da vida feliz é débil e inseguro. A tendência, nesse lares, é a busca de razões plausíveis para o procedimento incoerente. Se os desejos são contrariados, produz-se ressentimento e amargura. É característica, em tais situações, a recusa de admitir os próprios erros. O egoísmo, os ciumes e as queixas revelam tendências infantis.

Seria preferível que a pessoa tivesse algum impedimento físico, e não ver-se limitada no tocante ao seu procedimento emocional. A pessoa fisicamente incapaz, mas emocionalmente madura, pode ser um verdadeiro auxílio para si própria e para outras. Quem é emocionalmente maduro sabe como conservar a cabeça e pode rir quando as coisas andam mal. A melhor maneira de desfrutar das emoções é mantê-las sob domínio.

O humor são, expresso no riso, é um remédio de que unicamente as pessoas maduras podem desfrutar verdadeiramente. O riso abranda a tensão nervosa; é uma forma de alívio. Em face do riso, o ódio e os sentimentos negativos ficam neutralizados. A boa disposição é um dos melhores tônicos que se conhecem; em verdade, amiúde é muito mais importante que a alimentação, para estimular a boa saúde. O riso é um corretivo natural útil para a torpeza e o artificialismo que haja em nós ou em nossos semelhantes.

Lembremos o terrível regime da Robespierre, um dos caudilhos da Revolução Francêsa. Sob sua rígida direção, os membros da Convenção atuavam como hipnotizados. A cada instante a Convenção dava a sua aprovação aos planos sinistros do chefe. Certo dia, porém, sem nenhuma advertência, em meio da gravidade hipnótica e mortal reinante, alguém nas galerias explodiu numa risada. De fileira para fileira o riso se contagiou até que todo o recinto se tornou quase histérico. Esse foi o começo do fim de Robespierre, porque o riso quebrou o feitiço de sua terrível tirania.

Onde reina o riso são, a pessoa esquece a si própria. Para a pessoa falta de maturidade lhe custa esquecer a si própria o suficiente para estar contente. Nossa era padece de uma dor de estômago que necessita ser purificada com alegria e felicidade.

de. A felicidade é própria das pessoas maduras; as pueris não a alcançam. Os que não podem rir são amiúde perigosos para si próprios e para os demais. Os que não maduraram emocionalmente sempre consideram com exagerada seriedade sua pessoa e sua dignidade.

A história regista o caso de um cardeal moribundo que se destacara por sua sisudez. Ao vê-lo inválido, os parentes puseram-se a apossar-se de seus pertences. Ali estava ele no leito observando-os com ira, mas impossibilitado de fazer coisa alguma. Observa, então, que um macaco que tinha em casa como mascote, pega o seu chapéu cardinalício, e põe-se a admirar-se ao espelho. Diante desse quadro, o cardeal soltou uma gargalhada; desde esse momento começou a melhorar e recuperou a saúde.

Podemos rir quando nos criticam? Permanecemos contentes mesmo quando não podemos fazer o que nos apraz? Se pudermos fazê-lo, já não estamos no nível infantil. Estamos no caminho da maturidade de nossas emoções. O homem que pode manter-se internamente calmo e deliberar sob condições de tensão, é pessoa madura. A capacidade de dominar as emoções é a prova de uma esplêndida personalidade, de saúde mental e emocional. Se podemos manter-nos calmos e contentes, poderemos, não somente governar-nos a nós mesmos, mas também dominar toda situação que se apresente.

Certa concertista recebia muitos aplausos por sua técnica e habilidade musical. Sentia-se feliz e contente; mas tudo isso mudou quando outra artista com qualidades idênticas recebeu também atenção e felicitações. Um ministro religioso sentia-se feliz e com boa disposição de espírito enquanto era o único a receber as honras que lhe conferia a congregação; mas ao chegar à localidade outro ministro, tornou-se lóbrego e não perdeu vasa de solapar o prestígio do colega. Um ministro vê-se impedido de proferir uma palavra de apreço a outro colega porque seus próprios sentimentos pueris impedem de suportar o pensamento de que outro possa receber aprovação. As pessoas imaturas necessitam de ser constantemente o centro, o foco, ou se sentem descontentes e mal-humoradas.

O cansaço físico é amiúde o resultado de conflitos produzidos pela falta de maturidade. Com efeito, quase todos os problemas diários de fadiga são emocionais, e não físicos. O cansaço pode ser compreendido como uma tentativa de retirada ou uma via de escape de uma situação que se nos apresentou difícil demais para enfrentar. Sendo que a fadiga pode sugerir de conflitos não resolvidos, está claro que é o resultado da experiência total de uma pessoa e, naturalmente, não pode atribuir-se a um único aspecto da vida; mas, demasiado amiúde, a fadiga é o resultado de conflitos provenientes de impulsos e distúrbios emocionais pueris. A criança está cheia de desejos e tendências opostas. Falta-lhe a capacidade para canalizar sua energia de maneira sã e simples.

Uma mulher jovem e atraente, esposa de um advogado e mãe de dois filhos, era muito pueril, tanto assim que dependia do esposo, como se não passasse de uma criancinha. Devido a essa dependência infantil, sentia-se infeliz. Num esforço para ser superior, ocultava-se dos demais e procurava negar que se sentisse inferior. E ao esposo, de quem esperava fosse realmente para ela como um pai, exigia-lhe continuamente que ganhasse mais

dinheiro, a fim de proporcionar-lhe maior conforto material. Irava-se por qualquer coisa que lhe fosse negada. Por motivo de seus sentimentos pueris e de seu complexo de inferioridade, procurou afirmar sua confiança pessoal, pondo a prova seus encantos com outros homens. A medida que sua infelicidade aumentava, buscava fugir de si própria, entregando-se à bebida, até produzir sua própria desintegração. Eis uma ilustração dos resultados funestos dos sentimentos infantis em muitas pessoas.

Alguns homens se casam com mulheres de mais idade porque desejam ser adorados, mimados e atendidos como por uma mãe. A mulher de idade preferirá casar-se com pessoa que não tenha suficiente maturidade, porque nutre o desejo de proteger e albergar alguém indefeso. Este cuidado e proteção induzem a mulher de idade a sentir-se necessária e importante. Tal reação, entretanto, pode produzir muitos problemas, porque, cedo ou tarde, tais pessoas sofrerão um sentimento de insegurança e infelicidade, por saberem que algo não anda bem. O conhecimento subconsciente de que estão procedendo puerilmente conduz à tensão e à hostilidade. A fim de alcançar alívio, tais pessoas amiúde se convertem em severos críticos das demais; seus sentimentos íntimos de vergonha buscam um desafogo para evitar a destruição da personalidade.

O homem de idade casar-se-á com uma jovem porque deseja ser respeitado e adorado, de preferência a ser querido com um amor maduro. As jovens que precisam de um pai que lhes dê segurança material, escolherão tais homens a fim de que possam conservar-se pueris o resto da vida. Incapazes de manter-se sobre os próprios pés, buscam arrimos que lhes sustentem a puerilidade. Assim, pois, quando duas pessoas pueris unem sua imaturidade, a fim de resguardá-la das ameaças da vida madura, desenvolvem amiúde intensa hostilidade mútua e contra a sociedade.

Uma das manifestações mais freqüentes da puerilidade são os ciúmes. Têm eles a tendência de revelar uma má vontade básica de partilhar a vida com outros. Outra maneira de manifestar ciúmes é culpar o cônjuge dos próprios desejos de infidelidade. Tais acusações vêm a ser um meio de escape para os desejos dolorosamente reprimidos. Enquanto outros desejos estão presentes, o esposo ou a esposa se vêem na necessidade de lutar com a parte inocente e acusá-la.

Amiúde as pessoas pueris pensam que podem encontrar felicidade no matrimônio e este se lhes apresenta como uma panacéia para curar todos os sentimentos interiores de infelicidade. Para os adultos, o casamento meramente por dinheiro, por interesse material ou de relações sociais, está totalmente descartado. As pessoas imaturas, pueris, esperam do matrimônio muito mais do que este jamais esteve destinado a dar. As reações de muitas pessoas casadas revelam claramente que suas perspectivas do que seria o casamento, tinha por origem sua puerilidade e egoísmo, e não um amor verdadeiro. As pessoas pueris buscam o Céu e a Terra, mas nunca conseguem encontrá-los.

Os divórcios são geralmente o resultado da falta de vontade de um dos cônjuges para superar sua puerilidade. Um ou ambos se sacrificam a fim de reter a possibilidade de repetir sua puerilidade com outro em segundas núpcias. Quando os esposos es-

tão a ponto de separar-se, já não há mais boa vontade para suportar a puerilidade um do outro. Em tal situação, a pessoa deve superar sua falta de maturidade ou abandonar a quem já não mais suportará suas reações infantis. O rerer a modalidade pueril é fator decisivo que conduz ao divórcio — a via de escape temporária para não lutar contra si próprio. O propósito da manobra interna não é superar, mas perpetuar a falta de maturidade.

"Mas, dirá alguém, não é verdade que a gente amiúde encontra felicidade no segundo casamento, apesar de que o primeiro foi um inferno na Terra? Isto é verdade em alguns casos. Mas o que acontece é mais complicado. O homem ou a mulher que se casa por segunda vez busca uma mudança no tipo de pessoa. Se a mulher anteriormente preferiu um homem forte e dominador, na segunda vez procurará encontrar quem seja tímido e fraco. Ou a mulher que anteriormente se sentiu atraída por um homem atraente, escolherá para segundo marido uma pessoa tranqüila e pouco excitante. Em casos tais a gente dirá: "Já teve suficiente; está aprendendo pela experiência; agora está provando o outro extremo."

A ironia da situação está em que essa mulher pareceria não haver aprendido nada em sua experiência. Busca justificar-se com dizer que, de toda maneira, seu primeiro esposo não foi o tipo de homem que ela desejava. O que realmente anelava era exatamente o oposto do que tivera, e assim se "enamorara" de um tipo oposto de pessoa. Faz tudo isso para certificar-se de que não precisa mudar seu próprio procedimento pueril.

Isto pode ilustrar-se claramente com o caso de uma jovem encantadora que era cantora de bastante bom êxito. Estava ela casada com um homem simpático de tipo dominador. Ele se mostrava amável e compreensivo até certo ponto, além do que era incapaz de suportar sua vaidade e egoísmo. Ele atacou a sua puerilidade, exigindo-lhe uma modificação; e ela, por sua vez, não querendo mudar, pediu divórcio. Em seguida, enamorou-se de um homem tranqüilo, e prosseguiu, prazenteira, o caminho que lhe permitia fazer tudo quanto queria. Embora sua falta de maturidade emocional não fôsse ameaçada, não se sentia feliz.

Queixava-se de ser descuidada e de que seu novo esposo não se importunava com o que ela fizesse. Ao confiar-me sua decepção no novo casamento, disse-me: "Diga a todas as pessoas que recorrem ao senhor, em busca de divórcio, que deveriam modificar-se elas próprias, em vez de procurar modificar o cônjuge. Meu primeiro esposo era realmente o que eu queria. Quanto mais vivo com o segundo, tanto mais penso no primeiro. Vejo agora que o que o meu primeiro esposo dizia a meu respeito, era realmente a verdade. Se eu me houvesse modificado, em vez de querer transformar os homens, quanto mais feliz teria sido!"

Alguns, naturalmente, continuam preferindo o mesmo tipo de pessoa que escolheram nas primeiras núpcias. "Estou para casar-me pela quarta vez, explicou uma senhora. Por que escolho sempre o mesmo tipo de homem? Todos os meus maridos foram iguais." Sempre preferiu a mesma espécie de homem, mas cada casamento terminou em fracasso porque a puerilidade da mulher se manteve inalterada. As pessoas pueris tendem a provocar situações em que muito provavelmente se verão repeli-

das e tratadas injustamente. Ignorando a circunstância de que elas mesmas produziram seu próprio fracasso, lutam contra a pessoa que imaginam ser a responsável. A esta altura compadecem-se de si próprias até ao extremo de exclamar: "Semelhante injustiça só me acontece a mim! Por que são Deus e o mundo tão cruéis?"

Ao fracassar um casal, os sentimentos infantis do cônjuge sofrem ferida profunda. As vezes chega até ao suicídio. As mulheres que fazem concorrência ao homem, fazem-no por puerilidade; a concorrência é uma falta de maturidade e a necessidade de sentirem-se onipotentes. Algumas mulheres que estão insatisfeitas com as lidas domésticas revelam sua falta de maturidade emocional. Isto não ocorre em todos os casos, e a diferença é facilmente notada. Se uma mulher recusa emocionalmente a maternidade e lhe desagrada tudo quanto tende a criar uma atmosfera doméstica confortável, é neurótica. Contudo, se é boa mãe e esposa, e assim mesmo encontra prazer numa ocupação externa, pode tratar-se simplesmente de superabundância de energia. Em muitos casos, é possível a combinação de uma boa esposa e mãe que é simultaneamente profissional de êxito.

As mulheres queixam-se amiúde de que o esposo é uma carga impossível. Não resta dúvida de que os esposos são às vezes um problema; mas essas senhoras não mencionam que são incapazes de influir sobre os maridos. O homem enamorado da esposa atende-lhe aos desejos de muitas maneiras, mas com justiça pode suspeitar se se vê por ela acusado de mau procedimento. É provável que mulheres tais sejam pueris neuróticas que estão repetindo suas lutas infantis com esposos pueris, a quem escolheram para esse mesmo propósito. O neurótico pode ser comparado a uma pessoa que possui um único disco e insiste em tocá-lo em toda oportunidade em que haja alguém disposto a escutá-lo. Quanto mais pueris forem, tanto mais ambos os cônjuges revelarão sua falta de maturidade.

Que diremos da mulher que, por sua puerilidade, não pode ajudar o esposo? Sobretudo, devemos perguntar-nos: "Por que escolheu essa mulher a esse homem?" A mulher que não pode andar bem com o esposo é pueril na medida revelada pelo que escolheu consciente ou inconscientemente. As pessoas não se enamoram por casualidade. Enamoram-se porque complementam reciprocamente os seus anelos. Não é provável que uma pessoa adulta se enamore de outra que manifestamente carece de maturidade. A melhor proteção para que uma senhorita não se enamore de um homem pueril, é cuidar de que amadureça suficientemente para que não precise de um homem imaturo para acentuar-lhe as próprias tendências neuróticas.

Num único ano um milhão e meio de pessoas se vêem diretamente afetadas, e de três a quatro milhões mais são vítimas indiretas de tragédias relacionadas com o divórcio. Não obstante, prossegue crescendo o índice dos divórcios e há milhões tentados pelo engano de que, ao desfazer-se do esposo ou da esposa, garantem-se a felicidade. Esse fim trágico do casamento não tornará mais felizes os homens e as mulheres; apenas lhes aumentará a infelicidade, muito especialmente ao descobrir em casamentos subsequentes que o seu intento de evitar lutas internas não foi favorecido com a mudança de esposo ou de esposa. As lutas pueris do casal

não devem ser expostas nos tribunais, mas aos dirigentes da igreja, versados nos caminhos tortuosos da natureza humana. Devem estabelecer-se clínicas matrimoniais com a finalidade de ajudar as pessoas pueris a desenvolver-se.

Apenas os que tenham alcançado a maturidade podem viver vida feliz no casamento.

Uma regra simples para descobrir a puerilidade

de uma pessoa é a sua falta de capacidade para encontrar felicidade no trabalho, em uma vida social normal com as preocupações que envolve, ou para desfrutar dos passatempos. Enquanto haja certa satisfação nestas coisas, não há motivo para maior alarma. Visto que a puerilidade pode ser curada, ainda maior motivo há para a esperança.

(Continua)

A Cronologia de Esdras 7--II

S. H. HORN e L. H. WOOD

Continuação do CAPÍTULO I

O Cômputo do Ano Ascensional

(Data Ulterior)

PELO sistema do ano ascensional de computar os anos régios, a parte não consumida do ano calendário em que o rei começava a governar, reteria o nome do ano ascensional. Então, o primeiro ano completo de seu reinado, que correspondia ao seu primeiro ano calendário, recebia o número 1. Os assírios, e, depois deles, os babilônios e os persas, usaram o sistema do ano ascensional. (5) Alguns dos monarcas hebreus também o empregaram, como pode determinar-se pelo sincronismo existente entre os anos dos monarcas contemporâneos de Israel e Judá.

Para ilustrar este método, suponhamos que o rei babilônio A morra no quinto mês do 20º. ano de seu reinado, e lhe sucede seu filho B. Os arqueólogos encontram contratos datados, cartas e outros documentos escritos em ladrilhos de barro, que abrangem este período. Os documentos dos primeiros cinco meses, até à morte do rei, estão datados do ano vigésimo do rei A. Mas um recibo, por exemplo, assinado no sexto mês, estará datado "no sexto mês do ano ascensional," literalmente "o começo do reinado" (6) do rei B. Durante todo o resto desse ano calendário os escribas datarão os documentos no ano ascensional do novo rei. Então, no primeiro dia do novo ano, mudarão a fórmula de datar, de maneira que reze: "o primeiro mês do ano 1º. do rei B" (7). O emprego da designação "ano 1º." foi deferida até ao dia de Ano Novo que se segue à ascensão.

Este sistema, chamado amiúde sistema de deferir a data, ou data ulterior, devido a que o começo do primeiro ano régio é proposto, fazendo coincidir com o ano calendário, evita dar números ao ano em que ocorre a ascensão. Deste modo o ano calendário designado como 20º. do reinado do pai, é seguido do ano 1º. do filho. O sinal distintivo deste sistema é o termo "ano ascensional," aplicado ao período que se estende entre a ascensão do monarca e o primeiro dia do Ano Novo, depois do qual começa a denominar-se ano 1º.

Não se Reconhece o Ano Ascensional

(Data Antecipada)

O método oposto a este de computar os anos régios, empregado às vezes no Egito (8), e mencionado também na Bíblia, não tinha a designação de "ano ascensional." Os documentos escritos no restante do último ano do rei A, imediatamente começam a ser datados de "ano 1º." do rei B, e no primeiro dia do Ano Novo, a data muda para o ano 2º. desse reinado. Este método tem a desvantagem de produzir uma duplicação na numeração, uma dupla datação para o ano em que muda o rei, porque esse ano leva o último número do rei anterior e também o número 1 do novo. Este sistema é denominado amiúde sistema de antecipar a data.

Portanto, se o mesmo ano régio é mencionado por diferentes cronistas que empregam os dois sistemas, como às vezes ocorre nos registros de Judá e Israel (9), os números dos anos registrados em conformidade com o sistema do ano ascensional precederão de um ano os registrados em conformidade com o sistema que rejeita o ano ascensional, como o demonstra a figura 1.

Além disso, deve notar-se que ao fazer uma lista

- (5) Ver Richard A. Parker e Waldo H. Dubberstein, *Babylonian Chronology*, 626 A. C., págs. 9-17.
- (6) Arno Poebel, *The Duration of the Reign of Smerdis, the Magian, and the Reigns of Nebuchadnezzar III and Nebuchadnezzar IV*, *The American Journal of Semitic Languages and Literature*, (daqui para diante abreviado *AJSL*), pág. 121.
- (7) Para o começo dos anos régios no mês de Nisá, ver a seqüência das datas observadas num texto astronômico do tempo de Nabucodonozor, em Paul V. Neugebauer e Ernest F. Weidner, *Ein Astronomischer Beobachtungstext aus dem 37 Jahre Nebuchadnezzars II* (— 567-66) | 1, é. 568-67 A. C. | x *Berichtete über die Verhandlungen der Königl. Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften zu Leipzig*. Fil. Hist. Classe, 67 (1915), parte 2, págs. 34 e 38.
- (8) Richard A. Parker, *Persian and Egyptian Chronology*. *AJSL*, 58 (1941), págs. 298 e 299.
- (9) Ver Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs. 19-29.

dos governos computados em conformidade com o sistema do ano ascensional, a soma dos anos registados para cada rei é a mesma que o número de anos reais transcorridos, ao passo que ao fazer outra lista de governos registados de acordo com o outro sistema, deve subtrair-se um ano de cada rei, visto que o último ano do reinado e o primeiro do seguinte são realmente o mesmo.

Ao analisar os relatos bíblicos, é necessário saber qual dos dois sistemas foi empregado em cada caso; o do ano ascensional ou o que considera o último ano do monarca falecido, o primeiro do seu sucessor. Um caso típico de cômputo do ano régio de um monarca, de acordo com o sistema do ano ascensional, é encontrado em II Reis 18:1, 9 e 10. Depois de declarar que Ezequias subiu ao trono no ano 3º. de Oséias, o escritor declara que o assédio de Samaria começou no 4º. ano de Ezequias, que era o sétimo de Oséias, e terminou três anos depois, no ano 6º. de Ezequias, que era o 9º. de Oséias. Os dois possíveis cômputos do reinado de Ezequias dariam os seguintes resultados:

1. Em conformidade com o sistema que considera o ano ascensional (antecipação da data):

Ano 1 de Ezequias:	Ano 3 de Oséias
Ano 2 de "	Ano 4 de "
Ano 3 de "	Ano 5 de "
Ano 4 de "	Ano 6 de "
Ano 5 de "	Ano 7 de "
Ano 6 de "	Ano 8 de "

2. Em conformidade com o sistema do ano ascensional (postergação da data):

Ano Ascensional de Ezequias	Ano 3 de Oséias
Ano 1 de Ezequias:	Ano 4 de "
Ano 2 de "	Ano 5 de "
Ano 3 de "	Ano 6 de "
Ano 4 de "	Ano 7 de "
Ano 5 de "	Ano 8 de "
Ano 6 de "	Ano 9 de "

De tudo isto podemos deduzir facilmente que Ezequias deve haver empregado o sistema ascensional. Por outra parte, um claro exemplo do cômputo com base no outro sistema é o do reinado de Nadá de Israel, que subiu ao trono no ano 2º. de Asa, rei de Judá. Nadá reinou dois anos, e foi morto no ano 3º. de Asa (I Reis 15:25 e 28). Os dois possíveis cômputos deste reinado seriam os seguintes:

1. De acordo com o sistema do ano ascensional (postergação da data):

Ano Ascensional de Nadá:	Ano 2 de Asa (ú. p.)
Ano 1 de Nadá	Ano 3 de "
Ano 2 de "	Ano 4 de "

2. De acordo com o sistema que elimina o ano ascensional (antelação da data):

Ano 1 de Nadá	Ano 2 de Asa (ú. p.)
Ano 2 de Nadá	Ano 3 de "

É óbvio que o sistema que elimina o ano ascensional, e não o outro, se adapta a este registro; porque depois de haver subido ao trono no ano 2º. de Asa, o rei reinou dois anos, isto é, sua morte ocorreu no ano 2º., e morreu no ano 3º. de Asa. O cronista que registra a ascensão de Nadá no ano 2º. de Asa, não teria podido dar-lhe coerentemente um "ano ascensional", um "ano I" e um "ano II" em dois anos consecutivos. Há, na Bíblia, outros exemplos similares do emprêgo do sistema que

elimina o ano ascensional (10). Estes exemplos e outros que poderiam ser apresentados, demonstram que os hebreus usaram ambos os sistemas em diversas épocas (11).

Necessário se torna saber que sistema está implicado na data do reinado de qualquer monarca, para situá-lo na escala da era pré-cristã do calendário Juliano. Isto ocorre porque, embora seja conhecida a data exata da era pré-cristã em que um monarca subiu ao trono, o número de seu ano de governo será atrasado de um ano, se o cômputo foi feito em conformidade com o sistema de antecipar a data ou de eliminar o ano ascensional. Estas diferenças entre os sistemas de cômputo dos anos de governo em relação com a data da ascensão devem ser compreendidas muito bem antes de interpretar corretamente as fontes e os documentos datados dos reinados de Xerxes e Artaxerxes.

Outros três sistemas de numerar os anos, menos importantes, para o problema em foco, do que os sistemas mencionados de fixar as datas dos anos de reinado, foram empregados por autores que atuaram mais tarde, em relação com a ascensão de Artaxerxes: as listas dos arcontes gregos, as olimpíadas e as listas dos cônsules romanos (12).

As Listas dos Arcontes

Entre os gregos, as diversas cidades e Estados não tinham uniformidade em seus respectivos calendários, nem unidade política. Os atenienses designavam cada ano pelo nome do arconte ou magistrado principal correspondente a esse ano (13). Usavam as listas dos arcontes, da mesma maneira em que os assírios empregavam seus cânones epônimos, mas existia uma diferença entre os arcontes de Atenas e os epônimos assírios, devido a que os primeiros sempre mantinham o mesmo ofício, ao passo que os últimos eram vários dignitários do Império Assírio, para os quais o cargo de epônimo só era honorífico.

As Olimpíadas

Além do sistema ateniense de cômputo do tem-

(10) Ver I Reis 16:8, 10; 22:40, 51; II Reis 1:1, 2, 17; 3:1. Uma suposta dificuldade no cálculo de doze anos de Acã e Jeú, que abrangem dois reinos contemporâneos de dois anos mais doze anos, fica esclarecido pela aplicação deste método. Ver S. A. Cook, *Chronology: II The Old Testament*, CAH, Vol. I, cap. 4, seção 2, pág. 160.

(11) Ver Thiele, *op. cit.*, págs. 38-41.

(12) Deodoro Siculo (XI 69; ed. Loeb, Vol. IV, pág. 305) fixa a morte de Xerxes no ano em que Lisitius era arconte em Atenas e os dois cônsules eleitos em Roma eram Lucius Valerius e Titus Aemilius Mamerus. Ensébio, em sua *Crônica*, situa-o no primeiro ano da 79ª. olimpíada. Estas datas contraditórias foram empregadas em antigos intentos de fixar a ascensão de Artaxerxes I, mas não é necessário demonstrar aqui que só uma delas é correta, a saber, a do arconte de Lisitius (situado no ano 465-4 A. C., de verão a verão, por F. K. Ginzel, *Handbuch der Mathematischen Technischen Chronologie*, Vol. II, pág. 587, Tafel IV). A data da morte de Xerxes e a ascensão de Artaxerxes não dependem de textos duvidosos de historiadores subsequentes que não tinham acesso às fontes contemporâneas; foram plenamente confirmadas pelos descobrimentos arqueológicos, os documentos originais datados que nos chegaram diretamente, por assim dizê-lo, do escriba que os gravou no tempo de Artaxerxes.

(13) E. A. Gardner e M. Cary, *Early Athens*, em CAH, Vol. III, págs. 590-593; quanto à lista dos arcontes, ver William Bell Dinsmore, *The Archons of Athens in the Hellenistic Age*.

po, existia outro, usado por todos os gregos, ou seja, as olimpíadas, nome com que era designado o período de quatro anos que decorria entre os jogos olímpicos. Os festivais sagrados de Olímpia, celebrados uma vez cada quatro anos; eram a ocasião em que todos os Estados gregos esqueciam suas divergências e uniam-se em gozosas celebrações. Dêste modo, a data dos jogos olímpicos era importante para todos, e a seu tempo surgiu a prática de fixar a data de um acontecimento em certo ano de uma olimpíada determinada. Deve ter-se em conta que o primeiro ano da primeira olimpíada é o ano 776/775 A. C., partindo de meados do verão seguinte (14), de maneira que tradicionalmente os primeiros jogos olímpicos foram celebrados no verão do ano 776 A. C. A circunstância de que esta data seja tradicional (15) não prejudica o emprêgo dêste sistema, mais do que o erro de uns poucos anos na verdadeira data do nascimento de Cristo afeta o valor da era cristã para propósitos cronológicos. O sistema de datar os acontecimentos com base nas olimpíadas foi usado pelos autores clássicos gregos e romanos, e também por Josefo. A fórmula "no 4.º ano da 85.ª olimpíada" é às vèzes abreviada da maneira seguinte: 01.85.4.

Os romanos empregaram mais amiúde, para propósitos cronológicos, o método de designar os anos com base nos nomes dos dois cônsules — os mais elevados funcionários romanos nomeados anualmente pelo Senado (16). "Durante o consulado de Lépido e Arrúncio," literalmente: "Sendo Lépido e Arrúncio cônsules," era a fórmula oficial romana, embora durante o Império das províncias orientais aplicassem aos imperadores o antigo sistema dos anos régios (17). No último período de Roma, os *fasti*, ou lista de funcionários que incluem os cônsules (18), chegaram a ser sistemas cronológicos normais, tais como a lista dos arcontes de Atenas.

A Era da Fundação de Roma

Os romanos, desenvolveram também uma verdadeira era histórica que começava com a data tradicional da fundação da cidade, geralmente situada no ano 753 A. C. (19). Este cômputo conhecido como *ab urbe condita*, ou *ano urbis conditae*, abreviado A. U. C., é feito começar às vèzes em 21 de abril, data considerada como do aniversário de Roma (20), embora às vèzes o fôsse em 1.º de janeiro, com o que começava o calendário romano comum (21). Foi menos empregado para computar o tempo do que o sistema das listas consulares. Embora teoricamente esta era haja começado no ano 735 A. C., não foi a mais antiga nem a mais longa.

A Era Selêucida

Uma das primeiras eras usadas foi a dos selêucidas, amplamente difundida durante os últimos três séculos da era pré-cristã. Começou com o reinado de Seleuco I, registado no ano 312 A. C., e seus anos foram computados continuamente, pelo menos em alguns países orientais situados fora das fronteiras do Império Romano, até começos do século I da era cristã. No calendário macedônio os anos dos selêucidas começavam no outono, e o primeiro ano tinha seu princípio em 1.º de Deus (7 de outubro), do ano 312 A. C. Não obstante, no calendário babilônio, os anos da era selêucida come-

çavam na primavera, e o princípio do primeiro ano estava fixado em 1.º de Nisá (3 de abril), do ano 331 A. C. (22). Mas estas antigas eras eram somente precursoras da era cristã, que constitui o fundamento do moderno sistema de cômputo, difundido pela maior parte do globo. Seu estudo é importante, devido a que de seu ponto de partida os historiadores modernos fixam a data não somente dos acontecimentos subsequentes, mas também, na outra direção, de toda a história passada, com base no sistema das datas pré-cristãs. Tendo como fundamento os anos transcorridos antes de Jesus Cristo, chegam a ser compreensíveis os anos régios de Artaxerxes e outras datas bíblicas.

A Era Cristã

Nos primeiros séculos da igreja cristã produziu-se muita dissensão devida às várias tentativas de formular um método satisfatório para calcular a data da Páscoa. No ano 525 A. D., um monge chamado Dionísio o Exíguo fez uma tabela de cálculos para fixar a data da Páscoa, durante 95 anos, que devia ser a continuação de outra que estava por expirar. Copiou êle os últimos anos da tabela anterior, que estavam numerados de acôrdo com a era do imperador Diocleciano, mas mal-disposto a preservar a memória dêsse perseguidor dos cristãos, rotulou a primeira coluna da tabela que estava preparando, com a inscrição "Anni Domini Nostri Jesu Christi," e deu ao primeiro ano dessa tabela o número 532 (23).

Dionísio não explicou como chegou a êsse ano determinado. Evidentemente aceitou, para o nas-

- (14) A data dupla de 776-5 é aqui apresentada para chamar a atenção para o fato de que os anos da olimpíada e todos os dos calendários antigos, com exceção do romano que ainda usamos, abrangem parte de dois de nossos presentes anos calendários. O costume de escrever estas datas duplas como a de 776-5, que se está generalizando mais e mais, é a única forma segura de evitar erros ao expressar os equivalentes da era pré-cristã e dos calendários antigos.
- (15) Quanto a teorias acêrcas da data das olimpíadas, ver H. T. Wade Gery, 3.ª. Nota Cronológica sobre *Olympic Victor Lists*, em CAH, Vol. III, págs. 762-764.
- (16) H. Stuart Jones e Hug Last, *The Early Republic*, em CAH, Vol. VII, pág. 437.
- (17) Um exemplo é a fórmula para situar datas que encontramos em S. Luc. 3:1: "E no ano quinze do império de Tibério César."
- (18) *A Chronographus Anni CCCLIII* contém uma destas listas de cônsules, intitulada *Fasti Consulares*, publicada em *Chronica Minora Saec. IV, V, VI, VII*, ed. Teodoro Mommsen, Vol. I (*Monumenta Germaniae Historica*, Aut. Ant. Vol. IX, págs. 50-61).
- (19) Os historiadores romanos divergem na situação da data da fundação de Roma, mas o ano mais comumente aceito é o que deu Varro, que viveu no século primeiro A. C. Ver Stuart Jones, *The Sources for the Tradition of Early Roman History*, em CAH, Vol. VII, págs. 321 e 322, e os diagramas anexos.
- (20) Trata-se da festa de Parília ou Palília. Ver Censorinus, *De Die Natale* (O Dia Natal), cap. 10. Tradução de William Maude, pág. 32.
- (21) Junto com outras eras o corrente ano de A. U. C., computado a partir de 1.º de janeiro, aparece cada ano em *The American Ephemeris and Nautical Almanac*.
- (22) Parker e Dubberstein, *op. cit.*, pág. 18.
- (23) Dionísio o Exíguo, *Liber de Paschale*, em *Dionysii Exigui [et al.] . . . Opera Omnia (Patrologia Latina*, ed. J. P. Migne, Vol. LXXVII), cols. 493-496; ver também *Latin Ecclesiastical Calendar*, em sua edição de *Redae Opera de Temporibus*, págs. 68 e 69.

cimento de Cristo, uma data que era reconhecida por todo o mundo, porque está de acôrdo com a que aparece na lista consular contida na obra cronológica latina do ano 354, que fixa o nascimento de Cristo no consulado de Julius Caesar Vespasianus e Emilius Paulus, ou seja, no ano 754 A. U. C. (Este ano consular chegou a ser o 1º. da era cristã) (24).

O historiador inglês Beda (673/675 A. D.) adotou este sistema de cômputo para preparar suas tabelas melhoradas relativas à Páscoa, que se transformaram na norma para propósitos de cômputo nos anais e histórias; mais tarde os governantes francos e, por último, os papas, começaram a datar os documentos oficiais com base na nova era, que só gradualmente chegou a ser de uso comum (25). Se bem que a data fixada por Dionísio para o nascimento de Cristo haja desde o princípio sido considerada errônea, nem todos os eruditos de nossos dias estão de acôrdo quanto à quantidade exata de anos que haveria que ajustar para corrigi-la.

Quando a era cristã foi aplicada para fixar a data dos acontecimentos históricos, tornou-se necessário estender o sistema aos anos anteriores, ao comêço da era. Os sucessos ocorridos na época pré-cristã foram enumerados como anos anteriores a nascimento de Cristo. De modo que o ano que precedia o primeiro da era cristã foi denominado 1º. ano antes de Jesus Cristo (ou A.C.), sem que entre eles medeasse um zero. Como conseqüência deste procedimento, o cômputo moderno das datas antigas apresenta dois inconvenientes: 1) Os anos anteriores ao nascimento de Cristo, são contados inversamente, das datas maiores para as menores, e 2) o cômputo das datas produzidas no intervalo da era pré-cristã para a cristã fica prejudicada por falta de um ano zero; por exemplo, um período de quatro anos que comece no ano 3º. A. C., não expira no ano 1º. A. D., como seria o lógico, mas no ano 2 dessa era.

Os astrônomos evitaram esse obstáculo com o emprêgo, para os anos anteriores a Cristo e para os posteriores, de uma escala de números positivos e negativos, como no termômetro, denominando ao ano que precede o 1º. da era cristã, o ano 0, e o ano anterior a este, -1 (26). Desta maneira o ano 1º da era pré-cristã corresponde ao ano astronômico 0, o ano 2 A. C. é o -1, e ano 3, o -2, etc., de modo

que o ano assinalado pelo sinal "menos" é sempre um menos que o correspondente ano da era pré-cristã. Deve notar-se, também, que os anos bissextos, que em nossa era são todos divisíveis por quatro, não o são na era pré-cristã, mas são o 1, o 5, o 9, etc.

A circunstância de que o ano -1 corresponde 2 da era pré-cristã, etc., foi algumas vêzes causa de confusão. Por exemplo, muitos autores que escreveram acêrca das profecias, calcularam as setenta semanas dos 2.300 anos, diminuindo meramente a data da era pré-cristã, no ponto de partida do número total de anos, para chegar à data final na era cristã; mas ao fazê-lo, sem dar-se disso conta, encurtaram os períodos para 489 e 2.299 anos, em lugar de 490 e 2.300.

O princípio que acabamos de apresentar pode ser ilustrado por meio de um período imaginário de quatro anos (ver as flechas no diagrama anterior) que começaria em algum momento do ano 3 A. C. (para os astrônomos, o ano -2). Se alguém quisesse calcular a data da expiração do período, subtraindo 3 A. C. do total dos quatro anos, o resultado seria 1 A. D. (4-3=1). Mas o ano 1 A. D. é em realidade um ano antes; ao darmos uma olhadela ao diagrama veremos que o período de quatro anos expira realmente no ano 2 A. D. Desta maneira este diagrama nos demonstra que a simples subtração da quantidade de anos anteriores a Jesus Cristo não nos conduz à data correta da era cristã. Mas este diagrama revela, também, que o cômputo se simplifica quando a data pré-cristã é convertida em seu equivalente astronômico de -2; então, -2 mais 4, igual a 2 (ou 4-2=2, o que é o mesmo) e o resultado é 2 A. D. Se subtraímos o equivalente astronômico (27) da data pré-cristã, do número

- (24) Ver *Chronographus*, pág. 56.
 (25) Charles W. Jones, *op. cit.*, pág. 70; ver, também, Reginald L. Poole, *Medieval Reckonings of Time*, pág. 40.
 (26) George F. Chambers, *A. Handbook of Descriptive and Practical Astronomy*, Vol. II, pág. 460.
 (27) Os que preferem este sistema algébrico notarão que não é estritamente correto dizer que o número negativo deva ser subtraído (posto que o equivalente astronômico de uma data anterior a Cristo é o número negativo), algébricamente é adicionado, pois a adição de um número negativo equivale a subtrair um número positivo.

	ANO NOVO	ANO NOVO	ANO NOVO	ANO NOVO	ANO NOVO
Sistema do Ano Ascensional	Ano 18	Ano 19	Ano 20 Ano Ascensional	Ano 1	Ano 2
Sistema que elimina o Ano Ascensional	Ano 18	Ano 19	Ano 20 Ano 1	Ano 2	Ano 3
	Rei A		Morte do Rei A Ascensão do Rei B	Rei B	

FIGURA 1

total de anos, sempre chegaremos à data correta e terminal da era cristã.

Muitos autores do século 19, que escreveram acerca das profecias, começaram a calcular as setenta semanas dos 2.300 anos a partir do 7º. ano de Artaxerxes, e a maioria d'êles calculou os períodos com início no ano 457 A.C. até fazê-los chegar aos anos 33 e 1843 da era cristã, respectivamente, passando por alto o fato de que, em seus cálculos, omitiam um ano; só uns poucos reconheceram que a transição da era pré-cristã para a cristã induzia a erro, e chegaram aos anos 34 e 1844 A.D., respectivamente (28). Geralmente os que cometeram o erro obtiveram suas datas da cronologia de Ussher, que figura na margem da Bíblia, ou da subtração: $490-457=33$, ou $490-33=457$. Alguns citavam o astrônomo do século XVIII, Jayme Fergusson, para fixar as datas de 457 A.C. e 33 A.D., sem dar-se conta de que "457 A.C.," sem o sinal "menos" era o que o astrônomo denominava -457, data que, de acordo com o sistema cronológico, era em realidade o ano 458 A.C. O fato de que as datas de Fergusson não haviam sido calculadas de acordo com o sistema de computar os anos a partir do nascimento de Jesus Cristo para trás, mas de acordo com o sistema empregado pelos astrônomos, é concluinte ao descobrir-se que êle empregava o ano zero, sistema a que estava acostumado em seus cálculos astronômicos (29). Mas o emprego do ano zero e dos números negativos raramente é encontrado além de pelos astrônomos. As obras históricas fixam as datas geralmente de acordo com o sistema do cômputo pré-cristão, que não emprega o ano zero. Afortunadamente, a necessidade d'esse ano zero não se faz sentir em forma geral, a menos que se precise de computar alguma data no intervalo entre a era pré-cristã e a cristã.

Depois de examinar os diversos métodos de computar os anos, dois dos quais, o sistema dos anos régios e o da era cristã são vitalmente importantes para datar os acontecimentos apresentados em Esdras 7, o próximo passo consiste em considerar as espécies de calendários antigos que têm relação com êste problema. (Continua)

(28) Para ter uma lista de todos êstes expositores das profecias, ver L. E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Vol. III, pág. 744. Também

William Hales, no escrever uma obra acerca de cronologia, explicava o assunto da transição dos anos anteriores a Cristo aos da era cristã, e depois, nessa mesma obra, passa por alto o ano zero e computa os 490 anos subtraindo-os de 420 A.C., fazendo-os chegar ao ano 70 da era cristã. Ver seu *New Analysis of Chronology*, 2ª edição, Vol. I, pág. 57; Vol. II, págs. 517 e 518: Os mileritas também cometeram êsse engano no princípio, mas mais tarde, corrigiram suas datas do ano 33, A. D., para 34, e de 1843 para 1844 da mesma era. Quanto aos fundamentos dos cômputos de Guilherme Miller, ver sua obra *Evidences* (ed. de 1836), págs. 49 e 52; ver também, seu manuscrito *New Year Address*, de 1844, reproduzido na obra de F. D. Nichol, *The Midnight Cry*, pág. 160 e na reprodução facsimile correspondente à pág. 192. Quanto à correção, ver o editorial *Chronology*, em *Signs of the Times*, nº. 5, de 1843, pág. 123; A Hale, *Diagram*, e quanto à correção de *The Advent Herald*, nº. 7, de 1944, págs. 23 e 77; S. S. Snow, *Prophetic Time*, Idem, pág. 69.

(29) Fergusson tratou o assunto das setenta semanas e fê-las terminar na crucifixão, data que fixou de acordo com cálculos lunares, em harmonia com o calendário tradicional judaico, no ano 33 A. D. Ver sua *Astronomical Lecture*, on ... *the True Year of Our Saviour's Crucifixion ... and the Prophet Daniel's Seventy Weeks*; para o ano 0, ver *A Table of Remarkable Eras and Events*, em sua *Astronomy Explained Upon Sir Isaac Newton's Principles*, a partir da seção 396. A mesma lista em suas *Tables and Tracts, Relative to Several Arts and Sciences*, págs. 176-179, é seguida da declaração: "Nesta lista, os anos anteriores a Cristo e a Êle posteriores estão calculados exclusivamente com base no ano de Seu nascimento."

O fato de que o ano 457 de Fergusson é o ano 458 A. C. é evidenciado, também, por outras datas que se encontraram nessa mesma lista (tais como 755, em vez de 776 para o começo das olimpíadas, 746 em lugar de 747 para a era de Nabonassar, etc.), e pelas datas do período juliano em sua primeira coluna.

O período juliano (que não deve ser confundido como ano juliano) é uma escala artificial proposta por Joseph J. Scagliier (cêrca de 1582) para evitar o cálculo das datas anteriores e posteriores a Cristo em duas direções. Êste período, (abreviado J. P.) foi usado amiúde pelos antigos peritos em cronologia. Combina os ciclos solar, lunar e de indicação ($28 \times 19 \times 15 = 7.980$ anos julianos), começando com o ano hipotético de 4.713 A. C., quando coincidia o primeiro ano d'êstes diferentes ciclos. Os anos 4.713 J. P. e 4.714 J. P. são exatamente equivalentes ao ano 1º da era pré-cristã e ao 1º da era cristã, respectivamente. (Joseph J. Scagliier, *Opus de Emendatione Temporum*, edição revisada, Vol. V, págs. 359-361; comparar com o livro 6, pág. 600; ver *Julian Period*, em *Haydn's Dictionary of Dates*, também *The American Ephemeris*, sempre dá o número do período juliano para o ano corrente, como o ano 6666 J. P. para o ano 1953 A. D.

LIDERANÇA BEM EQUILIBRADA

NESTE tempo não podemos ser descuidados ou negligentes na obra de Deus. Se quisermos preparar-nos para as provas que nos esperam, devemos cada dia buscar o Senhor com fervor. Deve o nosso coração estar limpo de todo sentimento de superioridade, e serem implantados na alma os princípios vivos da verdade. Os jovens e os anciãos, bem como as pessoas de meia-idade devem praticar agora as virtudes do caráter de Cristo. Cada dia deverão desenvolver-se espiritualmente a fim de chegarem a ser vasos de honra no serviço do Mestre.—*Test. Sel.*, (Edição Mundial) Vol. III, pág. 425.



E VANGELISMO

Evangelismo

F. C. WEBSTER

(Presidente da União Incaica)

A Importância da Escola Sabatina para Ganhar Almas

DESDE o começo do Movimento Adventista, o estudo da Bíblia tem sido apontado como sendo o meio mais eficiente de unificar os corações dos filhos de Deus e prepará-los para a vinda do Salvador.

A escola sabatina foi instituída para haver orientação no estudo da Bíblia e sua bendita influência ser ininterruptamente a guia dos crentes. Com o decorrer dos anos, a escola sabatina adquiriu a posição de ser talvez o maior meio de ganhar almas de que dispomos para atingir pessoas de todas as idades, prepará-las para o batismo e auxiliá-las a "crescerem na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo." Altamente importante é que cada obreiro evangélico reconheça o elevado potencial de ganhar almas proporcionado pela escola sabatina e a sua utilização, ao máximo, em seus esforços de evangelização.

Tem-se tornado notório há muitos anos, que os obreiros de maior êxito e os que produzem os melhores resultados para Deus, são os que se utilizam da escola sabatina bem como dos outros meios estabelecidos pela igreja para a salvação de almas. Não somente esses obreiros batizam maior número de almas, mas também trazem para a igreja membros mais bem preparados e muitas vezes mais duradouros.

Temos observado outros obreiros, e alegro-me que estejam em minoria, que parece aceitarem a escola sabatina de forma apenas tolerável, revelando por seu atos e algumas vezes até por palavras, suas conclusões errôneas de que a escola sabatina não passa de uma instituição para entreter crianças e extorquir dinheiros dos adultos, pelo que, no desempenho de sua nobre vocação de pastor, precisa alhear-se da escola sabatina.

Tem-se tornado procedimento comum entre o ministério adventista que quando um evangelista vai a novo campo para iniciar trabalho, a primeira unidade estável a ser organizada é a escola sabatina. Se realizou uma série de conferências, organizará uma classe bíblica. Dentro de poucas semanas, ela se transformará numa escola sabatina, e, a partir de então, tratará de reter, doutrinar e guiar a mais ampla conversão os seus membros. Poderá acontecer que o obreiro nessa nova área não realiza reunião pública, mas exerça atividade no desenvolvimento de interesse por meio de visitas pessoais, vendendo O Atalaia ou distribuindo folhetos. Em qualquer dos casos, congregará esses interessados na escola

sabatina, onde participarão da bênção e inspiração do grupo de estudo bíblico. Com o correr do tempo formamos as nossas fileiras e solidificamos o nosso progresso em torno da escola sabatina. Isso, estamos certos, está em conformidade com o plano divino. Não podemos conceber outro meio, além do da escola sabatina, que prossiga com essa divina função até que Jesus venha.

Como obreiros evangélicos, precisamos tratar de que a escola sabatina atinja os divinos ideais de salvar almas e cooperar com esse grande potencial, bem como utilizá-lo para que se torne um administrador na vinha de Deus.

O obreiro evangélico que tem sob sua jurisdição uma ou mais igrejas ou grupos, deve estudar com cada comissão de igreja os seus objetivos. Deve mostrar aos irmãos o plano divino para que a escola sabatina exerça uma influência ganhadora de almas no lar, na igreja e na vizinhança. Em quase cada caso, nossos líderes da escola sabatina, em várias igrejas e grupos, estão dispostos a receber orientação do líder distrital, e mesmo ansiosos de fazê-lo, e maravilham-se ao saber que ele atribui importância e valor tais ao empreendimento para cuja direção foram eleitos.

Creio que o pastor da igreja, sem dúvida, deve ensinar uma classe da escola sabatina, por deparar-lhe excelente oportunidade de entrar em contato com os membros e suas necessidades. Comunica ao pastor o senso de pertencer à escola sabatina, e dá-lhe a oportunidade de observar como são executados os planos gerais da escola sabatina. Naturalmente, deve ele ter um bom professor auxiliar, visto ser muitas vezes preciso que se ausente em visita a outras igrejas, mas o ter a sua própria classe, vincula-o à escola sabatina. Mesmo quando está em outra igreja que não a sua, bom é aproveitar-se da oportunidade de ensinar uma classe da escola sabatina.

A escola sabatina incluiu em seu programa uma quantidade de projetos meritórios, desde a sua organização. Entre estes consta o do sustento financeiro e manutenção das missões mundiais. Durante muitos anos cerca de 50 % do empreendimento das missões têm sido amparados pelas ofertas da escola sabatina — uma excelente contribuição, mas realmente o fruto naturalíssimo do estudo da Bíblia. Estudamos acerca da dádiva divina a um mundo perdido, do grande zelo apostólico na disseminação do evangelho no primeiro século, e do grande come-

timento que nos constrange a ir a todo o mundo e pregar o evangelho, e respondemos com ofertas voluntárias nascidas do amor.

Nesta época em que os homens pensam grandemente em si, é sobremodo apropriado que guiemos os nossos crentes numa doação sistemática e mesmo com sacrifício, que leva a desviar os pensamentos do eu e focalizá-los em outros. Se nestes dias de materialismo pudermos dessa forma ajudar a conter o egoísmo pelo estímulo do espírito da doação liberal, teremos prestado aos nossos membros um serviço pessoal que os ajudará grandemente a chegar até Canaã.

De todos os membros da escola sabatina quem

deve participar liberalmente desta parte do culto da escola sabatina, é o obreiro evangélico e sua família. Assim como é o líder no orar e pregar, deve sê-lo em dar. A verdadeira religião assenta sôbre a doação.

Diz-nos a instrução divina que "a escola sabatina deve ser uma das maiores instrumentalidades, e a mais eficiente no encaminhar almas para Cristo." — T. E. S., pág. 20.

Com esta clara avaliação do Céu quanto às possibilidades da escola sabatina, trabalhemos por ela, ao mesmo tempo que ela por nós atua em nossos esforços de ganhar almas para Cristo.



O BRA PASTORAL

Como Melhorar os Cultos Sabáticos

W. E. MURRAY

(Presidente da Divisão Sul-americana)

O CULTO sabático de nossas igrejas é da máxima importância em muitos sentidos. É o culto que dá aos que a êle assistem, o ensino espiritual de que necessitam para a semana seguinte. É o culto que, semana após semana, faz, por assim dizer, corrigir o rumo de nossa vida.

Jesus teve o costume de assistir regularmente aos cultos sabáticos. São Paulo costumava celebrar culto aos sábados, e certo sábado, ao ouvir que algumas mulheres se reuniam à margem do rio, êle e seus companheiros foram lá para assistir ao culto delas. O mesmo apóstolo dos gentios adverte-nos, dizendo-nos que nos últimos tempos o culto será de especial importância para os membros da verdadeira igreja de Deus. Diz-nos êle, em Heb. 10:25: "Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vêdes que se vai aproximando aquêle dia."

Os ministros e obreiros em geral, bem como os anciãos de igreja, devem buscar tornar os cultos sabáticos tão atraentes quanto possível para os que a êles assistem. Esta responsabilidade repousa sôbre o dirigente. Em suas mãos está a responsabilidade de fazer os devidos planos, a fim de que o culto não impressione por apressado. Para conseguilo, os planos devem ser feitos pelo menos com alguns dias de antecipação. A música especial, os hinos, a oração e o sermão devem ser considerados com muita atenção. O pregador deverá, durante a semana, orar pelo êxito da reunião do sábado, para que os que a ela assistem recebam a ajuda de que precisam.

Ao fazer os planos para a reunião de sábado, o obreiro deverá meditar na importância do culto. O fazer os planos para a reunião não é o fim, mas o meio. A finalidade é que a reunião avive a espí-

ritualidade dos que a ela assistem, tanto a dos débeis como a dos fortes. Deverá ser reconhecido que nas reuniões da igreja cristã ocorreram certos acontecimentos de importância transcendental. Em uma reunião da igreja de Antioquia, começou o brilhante e glorioso ministério do apóstolo Paulo. Em muitas reuniões da igreja cristã têm havido grandes manifestações do Espírito Santo. Em algumas reuniões de culto alguns jovens foram inspirados a dedicar a vida para o serviço de Deus, e seria difícil calcular a influência que essas vidas exerceram sôbre o mundo.

Sabemos, também, que os anjos estão presentes a nossos cultos da igreja. O culto é o lugar em que nos comunicamos com nosso Pai celestial. O pastor que medita nestas e noutras verdades acêrca da reunião dos sábados, mais e mais impressionado ficará com a utilidade da mesma e fará maiores esforços para aperfeiçoar-lhes a forma e o fundo.

O ministro deverá promover uma campanha para que tôda a congregação assista a essas reuniões. Ao visitar uma família fiel na assistência aos cultos de sábado, bem fará com demonstrar o seu aprêço por essa fidelidade. Por outra parte, quando em visita a um lar cujos membros não estiveram presentes ao culto do sábado anterior, pode com proveito pencionar que lhes sentiram a falta. E no momento de despedir-se pode dizer-lhes que espera vê-los a todos no sábado seguinte.

O ministro pode animar, com excelentes resultados, os membros a que convidem para as reuniões os parentes e amigos. Desta maneira o culto do sábado assumirá importância maior na mente dos que a não consideram de tanto valor.

O pregador deverá instruir a congregação quanto aos cultos. De quando em quando será bom que o ministro pregue sôbre a importância das reuniões sa-

báticas. Será conveniente mencionar em tais sermões que a congregação contribui para o êxito das reuniões. Também deve pedir-se aos ministros de igreja que durante a semana orem em família pelos cultos de sábado. Os pais e as mães devem compreender que, ao orar por estas reuniões e ao fazer planos para a elas assistir, podem exercer grande influência sobre os filhos. Os pais podem ensinar aos filhos, bem cedo, o devido decôro na casa de Deus, gravando assim no coração juvenil a importância dos cultos. Convém recomendar aos membros da igreja que assistam às reuniões com boa consciência, havendo durante a semana, consertado qualquer desavença que possa haver existido entre eles e outros membros da igreja ou outras pessoas.

Ao levantar no sábado pela manhã e estar em caminho da igreja, será bom elevar uma oração silenciosa para que Deus dê Sua bênção ao culto. Ao tomar assento no templo, ajuda muito o inclinar a frente em uns momentos de oração. Ensine-se aos membros da igreja a orar pelos que pregam o sermão. Também devemos ensinar-lhes a levar para as reuniões a Bíblia e o hinário.

Um dos pontos mais importantes para a boa marcha dos cultos é não esquecer de fazer uma oração pelo culto e pelos que a ele assistem, antes de os ministros saírem para a plataforma. Esta é uma boa oportunidade para o pastor influir sobre a oração que se vai fazer na reunião. Boa prática consiste em que o ministro pergunte aos que o acompanharão à plataforma, antes de fazer a oração no gabinete pastoral, se têm conhecimento de qualquer assunto por que se deva orar, e, ao fazer a oração, mencionar alguns aspectos da obra de Deus, da igreja e o caso particular de algum irmão. No gabinete pastoral deve orar-se por essas coisas, e também a pessoa que faz a oração inicial do culto, por sua vez, mencioná-las-á em sua oração perante a congregação.

As orações pastorais feitas em algumas igrejas não conseguem o efeito que deveriam ter. São, no conceito de algumas pessoas, demasiado rotineiras, embora o digamos com todo o respeito. Nós, os ministros que oramos, devemos dar o exemplo ao fazer orações que alcancem profundamente o coração dos membros, a fim de que os ajudam a compreender os grandes objetivos que Cristo tem para Seu povo nestes dias. Devemos orar pelo progresso da obra de Deus em tôdas as partes do mundo e nessas orações pastorais será bom mencionar alguns conceitos bíblicos que auxiliem os que assistem aos cultos.

Quem faz a oração pastoral deverá pronunciar as palavras de maneira clara e audível. Algumas pessoas fracassam ao orar em público porque não falam em voz audível para o público. O pastor que ora deve ter presente que o faz em representação dos membros. Os que assistem ao culto devem aprovar o que ele diz em oração, mas dificilmente podem fazê-lo se não compreendem o que diz.

Se há microfone na igreja, será conveniente tê-lo ao lado do púlpito e ajustá-lo à altura necessária para que ao ajoelhar-se a pessoa encarregada da oração pastoral, possa ser ouvida por todos. Se o microfone está fixo no púlpito, quem faz a oração deve permanecer de pé, enquanto a congregação, de joelhos, o acompanha na oração.

A oração pastoral não deve necessariamente mencionar todos os pormenores da vida da igreja, mas

as coisas que serão de mais auxílio para a maioria dos presentes. Deve-se orar pelas visitas, pelos desanimados, os que têm dúvidas e os que necessitam de ter mais fé.

Claro está que o ministro ou pessoa que dirige o culto deve ter seu plano feito antes de reunir-se no gabinete pastoral, e esse plano deverá ser explicado aos que o acompanham à plataforma. Cada qual deve saber bem que parte lhe cabe desempenhar, a fim de evitar perguntas depois de sentados na plataforma, já que os cochichos roubam solenidade ao culto.

A música desempenha papel importante nos cultos da igreja cristã. Quer se trate de música vocal, quer instrumental, exerce ela grande atração sobre muitos. Conheci pessoas que iam à igreja porque certa pessoa ia cantar ou tocar algum instrumento. Devemos aproveitar esta inclinação da maioria das pessoas para planejar nossa música. Sobretudo, devemos ter um diretor de canto que, chegando o momento indicado, convide a congregação para pôr-se de pé. Se parte da congregação se levanta ao começar a ser tocado o hino, e outra o faz mais tarde, essa desordem rouba solenidade ao culto. O pastor inteligente planejará a música para cada reunião e até anunciará a música especial que haverá no sábado seguinte, a fim de tornar a reunião mais atraente para certo grupo de adoradores.

Uma coisa que beneficiará grandemente os que assistem aos nossos cultos será que o pregador anuncie o tema do sermão do sábado por vir. Para torná-lo ainda mais interessante, poderá, talvez em forma de perguntas, mencionar alguns subtítulos do mesmo. Também é bom mencionar com a devida antecedência se se pensa ter algum visitante para a hora do sermão. Nesta forma a congregação interessar-se-á mais, e alguns membros até farão esforço especial para assistir, quer porque têm interesse em escutar o pregador, quer porque o tema a ser tratado lhes merece a preferência.

Boa prática é planejar os sermões para todo o ano. Sabemos que muitas vezes se apresentam imprevistos, e talvez algum pastor não possa seguir ao pé da letra um programa de sermões fixado com antecedência, mas, por outro lado, um plano tal ajuda a instruir e dirigir a congregação de maneira equilibrada.

O arranjo do púlpito também influi sobre o êxito do culto. Os móveis da plataforma deverão estar em seu lugar antes de começar o culto. As flôres sobre o púlpito bem como sobre a plataforma deverão ser arranjadas de maneira artística, para contribuir para criar um ambiente apropriado ao culto. Se a pianista ou organista tocar música solene uns dois minutos antes do começo do culto, será uma grande ajuda para a espiritualidade da reunião. Por outra parte, as sacolas cu os pratos das ofertas também deverão estar em seu lugar antes do começo da reunião.

A porta de entrada deverá estar aberta com certa antecedência. Em mais que um lugar foi prejudicado o começo das reuniões por falta de uma pessoa encarregada de abrir a porta da igreja.

Todo obreiro adventista fará bem com prestar atenção especial à maneira em que são dirigidos os cultos, especialmente a pregação do sábado, pois nessas reuniões estão presentes os anjos de Deus. A hora do sermão é a reunião em que o Espírito de Deus nos toca o coração de maneira mais no-



O Regime Alimentar e a Saúde Mental e Moral

MAUS hábitos de comer e beber conduzem a erros de pensar e agir. — *Counsels on Health*, pág. 67.

O cérebro e os nervos estão em afinidade com o estômago. O comer e beber errôneos resultam em errôneos pensar e agir. — *Idem*, pág. 134.

Perde-se a paz de espírito. Há dissensão, luta e discórdia. Proferem-se palavras de impaciência, e praticam-se atos desamoraíveis; seguem-se práticas desonestas, e manifesta-se a ira — e tudo porque os nervos do cérebro estão agitados pelo abuso acumulado no estômago. . . . A aflição do estômago aflige o cérebro. — *Idem*, pág. 578.

É impossível que o cérebro produza o seu melhor trabalho quando há abusos das faculdades digestivas. Muitos comem, à pressa, várias espécies de alimento, que promovem uma guerra no estômago, e com isso embarçam o cérebro. — *Idem*, págs. 564 e 565.

O estômago sobrecarregado significa o cérebro sobrecarregado. Demasiadas vezes come-se, no sábado, uma tão grande quantidade de alimento que a mente se torna obtusa e estúpida, incapaz de apreciar as coisas espirituais. Os hábitos de comer têm muito que ver com os cultos religiosos muito insípidos do sábado. — *Idem*, pág. 577.

Ele [Deus] não pode esclarecer a mente do homem que transforma em fossa o seu estômago. — *Idem*, pág. 576.

Deveis usar o alimento mais simples, preparado no modo mais simples para que os delicados nervos do cérebro não sejam enfraquecidos, entorpecidos e paralisados. — *Testimonies*, Vol. II, pág. 46.

Frutas, cereais e vegetais, preparados de maneira simples, isentos de condimentos picantes e de gorduras de qualquer espécie, com leite ou nata constituem o regime alimentar mais sadio. Nutrem o corpo, e comunicam faculdade de resistência e vigor intelectual que não podem ser produzidos pela alimentação estimulante. — *Counsels on Health*, pág. 115.

A regularidade no comer é muito importante para a saúde do corpo e a serenidade da mente. Nunca deve um bocado de alimento passar pelos lábios entre as refeições. — *Idem*, pág. 118.

A confusão e sonolência mentais são muitas ve-

zes o resultado de erros no regime alimentar. — *Educação*, pág. 204.

Muita criança débil, incapaz de um vigoroso esforço mental e corporal, é vítima de um regime alimentar pobre. . . . Tem-se suposto haver muito estudante fracassado em virtude de estudo demasiado, quando a causa real foi o comer em demasia. . . . A sobrecarga do estômago é que fatiga o corpo e debilita a mente. — *Educação*, págs. 204 e 205.

Chá, Café e Carne

Refreiem os membros de nossas igrejas todo apetite egoísta. Cada níquel gasto em chá, café e alimento cárneo é pior do que esbanjado, porque essas coisas estorvam o melhor desenvolvimento das faculdades físicas, mentais e espirituais. — *Medical Ministry*, pág. 274.

O café é uma complacência prejudicial. Momentaneamente excita o cérebro a uma atividade excepcional, mas o resultado é triste — prostração e esgotamento das forças físicas, mentais e morais. — *Counsels on Health*, pág. 441.

Essas complacências [chá, café, fumo, álcool e morfina] bem podem ser classificadas entre as concupiscências que exercem influências perniciosas sobre o caráter moral. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 63.

Essas complacências prejudiciais devem ser abandonadas, não somente uma, mas todas; pois todas são prejudiciais, e destruidoras das faculdades físicas, mentais e morais. — *Medical Ministry*, pág. 222.

Os estimulantes . . . entenebrece o cérebro, enfraquecem o intelecto. — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 28.

[O chá] penetra na circulação, e gradualmente debilita a energia do corpo e da mente. . . . O chá ataca os nervos, e deixa-os grandemente enfraquecidos. — *Counsels on Health*, pág. 87.

Tem o povo de Deus que assumir atitude firme contra a alimentação cárnea. Teria Deus durante trinta anos dado ao Seu povo a mensagem de que se quisessem ter sangue puro e mente clara, teriam que abandonar a alimentação cárnea, se não quisesse que aceitassem essa mensagem? — *Medical Ministry*, pág. 278.

As faculdades intelectuais, morais e físicas são deprimidas pelo uso habitual de alimento cárneo. A alimentação cárnea desarranja o organismo, entenebrece o cérebro, e embota as sensibilidades morais. — *Counsels on Health*, pág. 70.

Somos formados do que comemos, e o comer muita carne diminuirá a atividade intelectual. Os

tável, e é nesse culto que nos reabastecemos de energias espirituais para fazer frente à semana que está diante de nós. É uma santa convocação, a que comparecemos com nossos irmãos. Façamos, pois, destas reuniões momentos interessantes e edificantes para nosso povo.

estudantes conseguiriam muito mais em seus estudos se nunca provassem a carne. Quando a parte animal do ser humano é fortalecida pela alimentação cárnea, as faculdades intelectuais diminuem proporcionalmente. — *Medical Ministry*, pág. 277.

A alimentação de carne, manteiga, queijo, pastaria muito suculenta e os condimentos picantes são muito usados tanto por velhos como por jovens. Estas coisas têm a sua parte no transtorno do estômago, excitação dos nervos e enfraquecimento do cérebro. — *Counsels on Health*, pág. 114.

O alimento muito substancioso faz sucumbir os órgãos saudáveis do corpo e da mente. — *Idem*, pág. 159.

Estas [grandes quantidades de leite e açúcar] embaraçam o organismo, irritam os órgãos digestivos, e afetam o cérebro. Qualquer coisa que entrava o mecanismo da máquina viva afeta muito diretamente o cérebro. E pela luz que me foi dada, o açúcar, quando usado em grande quantidade, é mais prejudicial do que a carne. — *Idem*, pág. 150.

A sobriedade na alimentação é recompensada com o vigor mental e moral. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 126.

Se os cristãos mantiverem o corpo em sujeição, e puserem todos os seus apetites e paixões sob o domínio da consciência esclarecida, percebendo ser-lhes um dever para com Deus e os semelhantes obedecer às leis que governam a saúde e a vida, terão a bênção do vigor físico e mental. — *Idem*, pág. 65.

Estivessem eles [os israelitas] dispostos a negar o apetite, em obediência às Suas sábias restrições divinas, e teriam sido desconhecidas entre eles a fraqueza e a moléstia. Seus descendentes teriam possuído tanto força física como mental. Teriam tido uma clara percepção da verdade e do dever, discriminação penetrante, e são juízo. — *Patriarcas e Profetas*, págs. 410 e 411.

O Pecado do Comer Intemperante

A complacência com o apetite e a paixão entenebrece o cérebro. . . . Seus pensamentos não são claros. — *Counsels on Health*, pág. 573.

A complacência com o apetite é a maior causa de fraqueza física e mental. — *Idem*, pág. 130.

Pela intemperança no comer, vós vos incapacitais para ver com clareza a diferença existente entre o fogo sagrado e o comum. — *Testimonies*, Vol. VII, pág. 258.

Devemos aprender que condescender com o apetite constitui o maior embaraço ao cultivo do espírito e à santificação da alma. . . . a complacência com o apetite é a causa principal da debilidade física e mental, e é em grande parte responsável pela fraqueza e morte prematura. — *Test. Sel.* Vol. III, (Ed. mundial), págs. 356 e 357.

Ela [a glotonaria] também tem influência deprimente sobre o intelecto. — *Counsels on Health*, pág. 160.

Como pode qualquer homem ou mulher guardar a lei de Deus, . . . e condescender com o apetite intemperante, que ofusca o cérebro, enfraquece o intelecto e enche de doença o corpo? — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 31.

A complacência com apetites e paixões perversos exerce influência dominante sobre os nervos e o cérebro. — *Idem*, pág. 36.

O pecado do comer intemperante, de comer demasiado freqüentemente, quantidade excessiva, e de alimento muito substancioso, insalubre, . . . é uma fonte frutífera de disciplina da igreja. — *Testimonies*, Vol. I, págs. 618 e 619.

Ele [o excesso de alimento] entrava a máquina viva. . . . Os órgãos vitais são desnecessariamente sobrecarregados, e a capacidade nervosa cerebral é atraída para o estômago a fim de auxiliar os órgãos digestivos a realizarem o seu trabalho de eliminar uma quantidade de alimento que não beneficia o organismo. . . . Assim a faculdade cerebral é reduzida pela retirada tão pesada que dele é feita para auxiliar o estômago a prosseguir com o seu trabalho pesado. — *Counsels on Health*, pág. 157.

Por motivo dos hábitos errôneos de alimentação, está-se o mundo tornando mais e mais imoral. — Sra. E. G. White, em *Bible Training School*, julho de 1902.

A saúde do corpo deve ser considerada essencial para o crescimento na graça e na aquisição de um gênio uniforme. Se o estômago não é cuidado devidamente, será prejudicada a formação de um caráter moral reto. — *Counsels on Health*, pág. 134.

Mesmo algumas pessoas que professam guardar todos os mandamentos de Deus são culpadas do pecado do adultério. Que posso eu dizer para despertar-lhes a consciência embotada? O princípio moral, estritamente praticado, torna-se a única salvaguarda da alma. Se já houve tempo em que o regime alimentar devesse ser da espécie mais simples, esse é agora. — *Counsels on Diet and Foods*, págs. 63 e 64.

Com que cuidado devem as mães estudar o preparo de sua mesa com o alimento mais simples e saudável. . . . O alimento, ou enfraquece ou fortalece os órgãos do estômago e muito tem que ver com o controle da saúde física e moral das crianças. — *Testimonies*, Vol. III, pág. 568.

O próprio alimento que põem diante dos filhos é de molde a irritar o tenro revestimento do estômago. Essa excitação é comunicada ao cérebro através dos nervos, e o resultado é que as paixões animais são despertadas e dominam as faculdades morais. A razão é assim transformada em serva da categoria mais baixa da mente. — *Idem*, Vol. IV, págs. 140 e 141.

Cereais, e frutas, preparados sem gordura, e no estado mais natural possível, deve ser o alimento para a mesa de todos quantos alegam estar-se preparando para a trasladação para o Céu. Quanto menos excitante for a alimentação, mais facilmente poderão as paixões ser dominadas. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 64.

A condescendência com o apetite e a paixão obscurece a mente. . . . A abstinência no regime alimentar e o domínio de todas as paixões, preservarão o intelecto e darão vigor mental e moral. — *Test. Sel.*, [Ed. mundial], Vol. III, págs. 420 e 421.

Pela complacência com o paladar, o sistema nervoso fica excitado, e enfraquecida a faculdade do cérebro, tornando impossível o pensar com calma e raciocínio. A mente está desequilibrada. Suas

faculdades mais elevadas e mais nobres são preservadas para servir às paixões animais, e os interesses sagrados e eternos não são atendidos. — *Idem*, Vol. IV, pág. 44.

A esta altura da história da Terra a alimentação cárnea é desonra para Deus. A alimentação cárnea e a bebida alcoólica é que estão tornando o mundo tal qual era nos dias de Noé. Estas coisas estão fortalecendo as paixões mais baixas dos seres humanos, animalizando a espécie. — Sra. E. G. White, em *Bible Training School*, julho de 1902.

O alimento cárneo desarranja o organismo, obscurece o intelecto e embota as sensibilidades morais. — *Test. Sel.* [Ed. mundial], Vol. I, pág. 196.

A vida religiosa pode ser alcançada e mantida com mais êxito se a carne é abolida, pois essa alimentação estimula a atividades intensas, propensões voluptuosas, e enfraquece a natureza moral e espiritual. — *Medical Ministry*, págs. 277 e 278.

Sua influência é excitar e fortalecer as paixões baixas, e tem a tendência de amortecer as faculdades morais. — *Counsels on Health*, pág. 42.

As faculdades intelectuais, morais e físicas são deprimidas pelo uso habitual da alimentação cárnea. O comer carne desarranja o organismo, obscurece o intelecto e embota as sensibilidades morais. — *Idem*, pág. 70.

Servis em vossa mesa manteiga, ovos e carne, e vossos filhos dêles se servem. São alimentados justamente com as coisas que irão excitar-lhes as paixões animais, e então ides à reunião e pedis a Deus que abençoe e salve os vossos filhos. — *Testimonies*, Vol. II, pág. 362.

Não estabelecemos nenhum regime alimentar estrito a ser seguido. Existem muitas espécies de alimentos saudáveis. Dizemos, porém, que a alimentação cárnea não é o alimento correto para o povo de Deus. Ele animaliza os seres humanos. Num país como este, em que há em abundância, frutas, cereais e frutos oleaginosos, como pode uma pessoa pensar que precisa comer a carne do cadáver animais? — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 390.

(Advertência especial aos pais de que a satisfação do apetite abre o caminho para Satanás dominar as crianças, semeando sementes do mal e do vício. — *Testimonies*, Vol. II, págs. 360 e 361.)

As crianças não deve ser permitido comerem alimentos prejudiciais, tais como carne de porco, salsicha, condimentos picantes, doces e pastelarias muito suculentas, porque em assim procedendo o seu sangue fica agitado, o sistema nervoso indevidamente excitado, e a moral em perigo de ser atingida. — *Idem*, Vol. IV, pág. 141.

Recompensa da Abstinência

Se os cristãos mantiverem em sujeição o corpo, e puserem sob o domínio da consciência esclarecida, todos os seus apetites e paixões, considerando ser-lhes um dever para com Deus e os seus semelhantes obedecer às leis que governam a saúde e a vida, terão a bênção do vigor físico e mental. Terão a capacidade moral de empenhar-se na luta

contra Satanás; e no nome d'Aquele que, em favor dêles, venceu o apetite, poderão ser mais do que vencedores em causa própria. Dessa luta todos poderão participar. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 65.

A moderação no regime alimentar é recompensada com vigor mental e moral; também ajuda no domínio das paixões. — *Idem*, pág. 126.

O apetite pervertido escraviza homens mulheres, e obscurece-lhes o intelecto e entorpece o senso moral em grau tal que as sagradas, elevadas verdades da Palavra de Deus não são apreciadas. — *Idem*, pág. 32.

A maioria dos homens e mulheres mantém-se na ignorância das leis do seu ser, e satisfaz o apetite e a paixão à custa da inteligência e da moral, e parece disposta a permanecer ignorante dos resultados de sua violação das leis naturais. — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 25.

Não nos deve o mundo servir de critério. É moda satisfazer o apetite com alimentação suculenta e estimulantes contrários à natureza, fortalecendo assim as propensões animais e prejudicando o crescimento e o desenvolvimento das faculdades morais. Não existe incentivo algum feito a qualquer dos filhos ou filhas de Adão de que possam vir a ser vencedores na luta cristã sem que se decidam a praticar a temperança em tôdas as coisas. Se o fizerem, não lutarão como quem bate no ar. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 65.

Os que se permitem tornar-se escravos do apetite voraz, muitas vezes ainda vão além, e rebaixam-se pela satisfação de suas paixões corrutas, que foram excitadas pela intemperança no comer e no beber. Dão rédea solta às suas paixões humilhantes, até que a saúde e o intelecto sofrem grandemente. As faculdades de raciocínio são, em grande medida, destruídas pelos maus hábitos. — *Idem*, pág. 62.

Os homens e as mulheres exageram agora tanto o seu comer e beber que terminam em glotonaria e bebedice. Este pecado predominante, a complacência com o apetite pervertido, inflamou as paixões dos homens nos dias de Noé, e levou-os a generalizada corrupção. A violência e o pecado atingiram o Céu. Essa poluição moral foi finalmente varrida da Terra por meio do Dilúvio.

Os mesmos pecados da glotonaria e bebedice entorpeceram as sensibilidades morais dos habitantes Sodoma. — *Counsels on Health*, pág. 23.

Muitas pessoas se apartam de Deus por sua complacência com o apetite. Aquêle que nota a queda de uma andorinha, que conta até os fios de cabelo da cabeça, assinala o pecado dos que satisfazem o seu apetite pervertido à custa do enfraquecimento das faculdades físicas, embotando o intelecto e amortecendo as percepções morais. — *Medical Ministry*, pág. 78.

Todos quantos satisfazem o apetite, perdem as energias físicas, e enfraquecem a faculdade moral, cedo ou tarde sentirão a retribuição que se segue à transgressão da lei física. — *Idem*, pág. 264.

(Continua)

Histórico do "Dia de Ação de Graças"

O DIA 26 de novembro assinala a data em que, pela vez primeira, um presidente norte-americano assistiu, num templo católico — a igreja de S. Patrick, em Washington — à comemoração do "Thanks Giving Day" ou "Dia de Ação de Graças", consagrado por tricentenária tradição norte-americana. Esse fato ocorreu em 1909, quando Taft ocupava a presidência dos Estados Unidos.

A cerimônia compareceram, além do chefe do Governo, o cardeal Gibbons, o secretário de Estado, Knox e numerosos representantes diplomáticos das nações americanas.

A propósito da data recordam-se palavras de Joaquim Nabuco, embaixador do Brasil que, exaltando a cerimônia, exclamou: "Entre os costumes do povo americano, nenhum há que eu mais admire do que o seu "Dia de Ação de Graças". Quem dera toda a humanidade, seguindo o vosso exemplo, se unisse anualmente no mesmo dia para um uni-

versal agradecimento a Deus. Quanto a mim, é com alegria que correspondo à vossa tão formosa idéia. As maiores dívidas permanentes do Brasil para com Providência, são, creio eu, a vastidão do nosso território, a fertilidade, beleza e variedade da sua natureza; o termos podido conserva-lo intacto ao separar-se da metrópole, enquanto a América espanhola se fragmentava sob idêntica pressão, e o termos passado do absolutismo colonial para a democracia americana, não diretamente e sem preparação, atravessando, assim, um confuso período de governo pessoal, mas através de uma longa aprendizagem parlamentar sob imperantes constitucionais, nos moldes da Inglaterra".

Muitos anos depois destas palavras de Nabuco, o Brasil instituiu, então com sanção solene, a lei 781, de 17 de agosto de 1949, seu "Dia de Ação de Graças", como primeiro passo para o Dia de Ação de Graças Interamericano e Universal.

Curso de Leitura Ministerial para 1955

Deuses, Túmulos e Sábios?

C. W. CERAM Cr\$ 125,00

Liberdade Americana e Poderio Católico

PAUL BLANSHARD Cr\$ 95,00

Testemunhos Seletos, Vol. I

SRA. E. G. WHITE Cr\$ 95,00

Galeria de Homens e Mulheres Célebres

EDUARDO SUCUPIRA JOR.
Cr\$ 50,00

Custo global dos quatro volumes Cr\$ 365,00

Comprado em jôgo Cr\$ 300,00

Economize Cr\$ 65,00, comprando o jôgo, através de sua Sociedade de Publicações.

Todos os obreiros que se inscreverem neste Curso receberão, sobre o valor dos livros, o desconto de 50 % que lhes será concedido pela organização empregadora.

Envie hoje mesmo sua inscrição à Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana, Casilla 286, Montevidéu, Uruguai.

CAIXA DE PERGUNTAS

A Visão de Pedro

Peço explicarem a visão de Pedro, em Atos 10. Quer isso dizer que podemos comer qualquer espécie de carne que nos apeteça? Aparecem só no Velho Testamento as referências à alimentação de carne de porco?

UM dos princípios capitais da interpretação bíblica é por Paulo chamado o "que maneja bem a Palavra da verdade." (II Tim. 2:15.) Significa isso: Não tomar o que se aplica a um caso e aplicá-lo a outro. A visão de Pedro, em Atos 10, não tem ligação alguma com a questão do nosso alimento. O próprio Pedro o disse. (Atos 10:28.) Essa foi uma maneira impressiva adotada por Deus para auxiliar Pedro a libertar-se do seu preconceito de raça. No versículo 14, Pedro disse que nunca havia comido "coisa alguma comum e imunda." Por isso, estava perplexo quanto ao que Deus queria apresentar com a visão. (Vs. 17 e 19.) Mandou-lhe Deus, então, acompanhar mensageiros gentios à casa do gentio Cornélio (Vs. 19-27.) Isso deve ter despertado em Pedro mais clareza. A visão referia-se ao seu contato com pessoas a quem considerava imundas. Disse-lhe a esses gentios que, anteriormente ele não se teria de maneira alguma ajuntado ou chegado a eles (V. 28) "mas Deus mostrou-me que a nenhum *homem* chame comum ou imundo." Pedro julgara que a visão se referisse a alimentos comuns ou imundos, mas compreendeu que Deus estava usando os alimentos como símbolos das diversas raças humanas, e que ele não deveria chamar *homem* algum imundo. Lástima é que as pessoas hoje ainda se mantenham na incompreensão que Pedro nutria a princípio, e deixem de adquirir a compreensão que Pedro adquiriu ao dispor-se a obedecer a Deus.

As referências à impropriedade da carne de porco como alimento encontram-se no Velho Testamento. Sendo elas abundantemente suficientes, não precisaram ser repetidas no Novo. A classificação de animais em limpos e imundos era bem conhecida antes do Dilúvio. Ver Gên. 7:2. Em conformidade com Isa. 66:15-18, quando Jesus Cristo voltar para julgar a Terra, uma das características dos que hão de ser queimados será que comem carne de porco. Visto que esses dois passos abrangem todo o tempo, desde o princípio até à segunda vinda de Jesus — incluindo o tempo do Novo Testamento — não é necessário repetir esse ensino no Novo Testamento. Lembrou-me do que Adam Clark, grande comentarista metodista, disse certa vez: Foi ele convidado para pedir a bênção para uma refeição de que constava carne de porco, e fez esta oração: "Ó Senhor, se na dispensação cristã Tu puderes abençoar o que amaldiçoaste na velha, abençoa este alimento."

A questão de que alimentos Deus pretendeu que comêssemos, estende-se da criação à eternidade. É uma parte da vida prática. Nada tem que ver com o rito simbólico e típico do santuário, que começou com a construção do tabernáculo, no Sinai, e termi-

nou na cruz. Ao criar Deus os seres humanos, destinou-lhes o seu alimento. (Gên. 1:29.) Mais tarde, quando a espécie humana reencetou a vida, após o Dilúvio, em época em que pouca vegetação havia sobre a Terra, Deus permitiu o uso da carne. (Gên. 9:3.)

Conquanto este versículo não o especifique, a circunstância exigia que só os animais limpos fossem comidos. A diferença entre limpo e imundo era tão bem conhecida de Noé (Gên. 7:2) que Deus não teve necessidade de especificar-lha. Com a instrução ministrada a Noé para preservar sete casais de animais limpos, e um, apenas, de imundos, Deus proveu alimento para depois do dilúvio e até que a alimentação vegetal crescesse de novo. Noé não pôde haver comido os animais imundos, pois apenas um casal de cada espécie fôra preservada.

Séculos mais tarde, quando, no Egito, os israelitas haviam quase perdido o conhecimento de Deus, o próprio Deus, no Sinai, lhes deu instruções específicas acerca dos animais limpos e imundos. Nenhum simbolismo havia nessas leis sanitárias, ao dar-lhas-lhes por intermédio de Moisés. Por exemplo, Deus ordenou a quarentena das moléstias contagiosas, e ninguém imagina que tenham terminado na cruz. (Núm. 5:1-4 e outros passos.) Por meio do milagre do maná, de quarenta anos de duração, Deus lhes ensinou que Se interessava pela sua alimentação saudável. Em Isa. 66, descreve-lhe a pureza e consagração exigidas dos que haverão de escapar dos fogos do inferno, quando Jesus voltar, e quem estiver contaminando o corpo não escapará.

Os Animais Ferozes na Nova Terra

Como se pode harmonizar Isa. 11:6 e 7, com 35:9?

"E MORARÁ o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezêro, e o filho de leão e a nédua ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e seus filhos juntos se deitarão; o leão comerá palha como o boi."

"Ali não haverá leão, nem animal feroz subir a ele, nem se achará nele; mas os remidos andarão por ele."

Sem dúvida, o consulente acha dificuldade em harmonizar estas passagens, porque um diz que na nova Terra haverá leões, e a outra diz que ali não haverá animais ferozes. Todos serão mansos. O cap. 11 de Isaías declara que todos os animais hão de ser mansos, e de natureza diferente da que conhecemos hoje, enquanto o cap. 35 afirma que não haverá animal algum que perturbe a paz, pois tudo será perfeito.



NOTAS E NOTÍCIAS

◆ APÓS nove anos de doutrinação atéia 84% dos iugoslavos ainda crêm em Deus.

◆ PLANEJAM os "Gedeões" colocar 400.000 Bíblias em quartos de hotéis da Alemanha, em substituição às que foram danificadas durante a guerra.

◆ NÃO obstante a doutrinação e pressão antirreligiosas sistemáticas, mais de 80% dos pais da Alemanha oriental querem que seus filhos recebam instrução espiritual.

◆ PROGRIDE a construção de duas capelas protestantes em Stalinstadt, "a primeira cidade socialista da Alemanha." Anteriormente, nenhuma permissão havia sido concedida nesse sentido.

◆ Os Batistas e os Adventistas do Sétimo Dia da Rússia estão sendo denunciados através do rádio soviético por sua "atividade intensa," que, diz-se, floresce por motivo do declínio da propaganda científica e atéia.

◆ UM clérigo episcopal de Nova Inglaterra advogou numa assembléia da igreja, que os Episcopais não devam considerar-se protestantes, mas anglicanos. Também apontou que em anos recentes os protestantes têm adotado os sacramentos e as virtudes sacramentais de sua comunhão.

◆ MILHARES de mensagens evangélicas foram espalhadas em garrafas nos sete mares, pela Christian Endeavor Union, da Irlanda do Norte. Respostas já lhes chegaram de lugares tão distantes quanto o México e mesmo de além da chamada Cortina de Ferro. Uma moça viajou do litoral ocidental da Irlanda, até Belfast, com o fito de obter "maiores esclarecimentos."

◆ UM clérigo do oriente médio, voltou recentemente da Índia, queixoso da atitude hostil do país contra os missionários que ministram o ensino fundamentalista de que "só existe um meio de ser salvo". Declarou que os indús, que adoram muitos deuses, não apreciam essa crença. Se o cristianismo nada melhor tivesse para oferecer do que as outras religiões, por que se daria ao trabalho de enviar missionários aos confins da Terra?

◆ "IGREJA UNIDA DE CRISTO" será a denominação de uma congregação de dois milhões de membros que entrará em existência quando, em 1957, se der a prevista fusão dos Cristãos Congregacionais e das igrejas Evangélica e Reformada. Altos administradores, bem como oficiais de menor categoria de ambas as denominações já aprovaram essa fusão. As congregações de ambos os grupos estão sendo preparadas para os futuros cultos unidos.

◆ Os líderes protestantes da Espanha fizeram no outono passado um apêlo conjunto ao ministro da Justiça para permitir que seus membros contraíam núpcias segundo a lei civil. As autoridades locais haviam até então coerentemente recusado legalizar os casamentos protestantes, invariavelmente, sob a alegação de que pelo menos uma das partes fôra batizada na Igreja Católica Romana e era, portanto, considerada ainda pertencente a essa fé religiosa.

◆ DE acôrdo com o recenseamento do ano passado, que figura no *World Almanac* de 1955, o número de membros das mais numerosas igrejas protestantes nos Estados Unidos é o seguinte:

Igreja Batista	18.224.878
Igreja Metodista	11.647.397
Igreja Luterana	6.828.907
Igreja Presbiteriana	3.709.711
Igrejas Episcopais	2.610.271
Igreja Discípulos de Cristo	1.847.954

◆ A FUNDAÇÃO para a Autenticidade da Bíblia e Liberdade Religiosa, Inc., de Boulder, Colorado, requereu à Universidade estatal que suspenda o ensino da evolução, ameaçando-a com ação judicial. Gladden William James, missionário aposentado e fundador da denominação, declarou: "A Universidade de Colorado não tem pé nem cabeça no sentido religioso. Ensinando que o homem tem ascendência animal, está em direta oposição à Palavra de Deus. Somos de opinião que, ao ensinar isso, estão ensinando religião. Pretendemos que cessem ou permitam que a Bíblia, em classe, apresente o seu próprio ensino."

◆ QUASE um terço de todos os pastorados da zona soviética da Alemanha está vago, disse o Sr. Guenther Jacob, superintendente geral evangélico do distrito de Lausitz, por ocasião de uma reunião de pastôres da parte oriental da Alemanha, realizada em Osnabrueck.

Disse que as igrejas da Alemanha oriental têm procurado contornar a situação, admitindo leigos sem instrução teológica.

O Dr. Jacob lembrou que a delegação, do oriente à recente convenção anual de pastôres evangélicos da Alemanha, apelara aos estudantes de teologia da Alemanha Ocidental, para "virem à zona soviética e auxiliar a fim de que as nossas paróquias não fiquem órfãs."

"A profunda falta de pastôres", dizia o apêlo, "é uma situação muitíssimo perigosa para a Igreja Evangélica da Alemanha Oriental."